

GRAMATICALIZAÇÃO DO AÍ COMO ESPECIFICADOR DE SINTAGMAS NOMINAIS INDEFINIDOS: A QUESTÃO DOS MECANISMOS DE MUDANÇA

Maria Alice Tavares*

Introdução

Proponho aqui um percurso possível de ter sido seguido pelo item lingüístico *aí* em sua passagem pelo processo de gramaticalização rumo à especificação de sintagmas nominais (SNs) indefinidos (cf. Tavares, 2001). O que é um *aí* especificador de SNs indefinidos? Tome-se a sentença (1) a seguir. Trata-se de uma sentença ambígua: podemos ter um *aí* dêitico locativo, que aponta para um ponto no espaço próximo ao ouvinte (dêitico 1), ou um dêitico locativo que aponta para um menino dentre um conjunto de meninos, sendo a leitura do sintagma nominal *um menino* acompanhado do *aí* correspondente a *um dos meninos dentre os que estão aí* (dêitico 2). Pode-se ter ainda um *aí* especificador, que fornece ao SN um traço [+específico], isto é, o SN refere-se

* Doutoranda da Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina.

a um menino que, embora indefinido, é específico. Neste caso, o menino não está sendo apontado, podendo, inclusive, não estar presente no contexto.

(1) Carolina falou com *um menino* *Aí*.

Entendo os diferentes empregos do *aí* como elos em uma cadeia, um dando origem ao outro. Parto da hipótese de que, mesmo na ausência de evidência direta da fonte de um item gramatical, esta pode ser reconstruída a partir de dados sincrônicos. É possível utilizarem-se os usos múltiplos sincrônicos e a retenção de especificidades da fonte como diagnósticos da história do material gramatical, o que permite reconstruir os estágios de seu percurso de desenvolvimento (Bybee et al., 1994, p. 18). Este trabalho se enquadra, então, na linha dos estudos de gramaticalização cuja concepção metodológica é a de que o desenvolvimento histórico e a posição sincrônica de um item em uma cadeia de gramaticalidade geralmente irão coincidir, existindo uma tendência de isomorfismo entre o desenvolvimento histórico e relações sincrônicas entre itens polissêmicos (Tabor e Traugott, 1998, p. 263).

Assim, discuto possíveis mudanças sofridas pelo *aí* no decorrer do trajeto que parte do uso como dêitico locativo e chega ao uso como item de especificidade considerando especialmente propriedades semânticas comuns aos empregos do *aí* tratados aqui (por exemplo, a presença de traços dêíticos, de traços de especificidade etc.); as relações de abstração entre esses empregos, traçando uma trajetória do mais concreto ao mais abstrato; e as restrições sintáticas, especialmente aquelas relativas às posições ocupadas na sentença pelo item investigado e aquelas relativas a possíveis materiais intervenientes entre o nome indefinido e o *aí*. Considero também o papel das implicaturas conversacionais (Grice, 1975; Levinson, 1983) possíveis de serem disparadas a cada emprego do *aí*.

Inicialmente descrevo quatro mecanismos de mudança aparentemente envolvidos no percurso de gramaticalização do *aí* de dêitico locativo a especificador. Na sequência, apresento a proposta de Enç (1991) para a especificidade no SN indefinido, aplicando tal proposta para o *aí* especificador de SNs.¹ A seguir, busco indícios das etapas do percurso de gramaticalização

1 O *aí* fornece um traço de especificidade ao SN indefinido que modifica de modo semelhante ao que faz o item de especificidade *certo*, por exemplo em “Carolina falou com um *certo* menino.” Em um trabalho anterior, comparei SNs indefinidos com *aí*, SNs indefinidos com *certo* e SNs indefinidos desacompanhados de itens de especificidade (cf. Tavares, 2001). No entanto, tomaria muito espaço apresentar aqui tal comparação. Além disso, o percurso de gramaticalização que ora me interessa é o de *aí* especificador e não o de *certo*.

sob investigação e da atuação de cada um dos mecanismos de mudança. Utilizo dados extraídos de entrevistas do Banco de Dados do Projeto Varsul (Variação Lingüística Urbana na Região Sul), de programas televisivos e especialmente sentenças criadas por mim, mas possíveis na língua.²

Gramaticalização: mecanismos de mudança

A gramaticalização é um processo de mudança lingüística pelo qual elementos e construções lexicais adquirem funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, podem desenvolver novas funções gramaticais (cf. Hopper e Traugott, 1993; Heine et al., 1991a, b). Dois mecanismos de natureza semântico-pragmática em especial têm sido considerados como responsáveis pelo desenvolvimento de itens lexicais em itens gramaticais: transferência metafórica e metonímia. A transferência metafórica implica conceitos mais complexos e abstratos serem descritos ou entendidos por meio de conceitos concretos ou menos complexos. É possível traçar o processo de desenvolvimento metafórico em termos de algumas categorias básicas distribuídas, de acordo com um grau de abstração crescente, ao longo da escala de derivação “pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade”, que destaca a similaridade entre fontes e alvos. Cada uma dessas categorias inclui uma variedade de conceitos definidos perceptual e/ou lingüisticamente, representando domínios de conceptualização importantes para a experiência humana. A relação entre as categorias é metafórica, sendo possível a cada uma delas conceituar a categoria a sua direita (Heine, 1991a, p. 51).

Além da metáfora, a metonímia tem sido apontada como responsável pela gramaticalização. Tal mecanismo é caracterizado como um contínuo de pequenas mudanças motivadas pelas relações de contigüidade entre fontes e alvos. Diferentemente, a metáfora envolve a projeção de um domínio mais concreto sobre um menos concreto, isto é, ocorre a transferência de um item lingüístico de um domínio a outro. A metonímia envolve a especificação de um significado em termos de outro que está presente no contexto, representando uma transferência semântica por meio da contigüidade, enquanto a metáfora envolve a especificação de um conceito, geralmente mais complexo, em termos de outro não presente no contexto, havendo uma transferência semântica por meio de uma similaridade de percepções de sentido (Traugott; Köning, 1991, p. 212).

2 Testei as sentenças criadas por mim com alunos e professores de graduação e pós-graduação e com alunos de segundo grau da rede pública estadual.

Um mecanismo ligado à metonímia é o que Traugott; Köning (1991) e Bybee et al. (1994) chamam de inferência por pressão de informatividade, designando o processo em que, devido à convencionalização de implicaturas conversacionais por meio de pressões do contexto de uso, o item lingüístico passa a assumir um valor novo, inferido do valor original. Assim, uma implicatura que comumente surge com certa forma lingüística pode ser tomada como parte do significado desta, podendo mesmo chegar a substituí-lo. Para Bybee et al. (p. 285), a inferência e a implicatura são dois lados da mesma moeda: o falante implica mais do que afirma e o ouvinte infere mais do que o aquilo que é afirmado. No entanto, os autores denominam o mecanismo em questão como inferência por pressão de informatividade e não como implicatura porque parece ser a estratégia baseada no ouvinte e a sensibilidade do falante às necessidades do ouvinte que condicionam as mudanças.

Para Heine et al. (1991b), a relação entre domínios mais descontínuos, como espaço, tempo ou qualidade, que é metafórica, pode ser entendida como envolvendo uma série de pequenas extensões metonímicas, perspectiva que ressalta a compatibilidade entre os dois mecanismos de mudança. Enquanto a mudança de um significado a outro parece ser devida a algum tipo de força metonímica, o resultado último é passível de ser descrito como uma transferência metafórica de um domínio mais concreto para um domínio mais abstrato. Desse modo, "...uma análise em termos de saltos metafóricos discretos captura apenas um aspecto do processo. Ambas, descontinuidade e continuidade, ou transferência metafórica e extensão gradual, estão envolvidas na gramaticalização. A presença de tais atividades cognitivas divergentes parece resultar de uma interação entre o comportamento taxionômico-conceitual e as estratégias pragmático-textuais" (p. 68-69).

De qualquer forma, como resultado da atuação de ambos os mecanismos, é prevista uma trajetória unidirecional de abstratização crescente de significado, isto é, conceitos mais concretos derivam conceitos mais abstratos, e não vice-versa. A concepção básica é que há uma relação entre dois estágios A e B de modo que A ocorre antes de B, mas não vice-versa (Hopper e Traugott, 1993, p. 95). É mister ressaltar que a passagem entre os estágios A e B não é direta, havendo um estágio intermediário A-B em que os significados estão sobrepostos e, em decorrência, a interpretação dos mesmos é ambígua.

Traugott e Hopper (1991) relacionam o mecanismo da metonímia à reanálise, envolvida em mudanças estruturais mais locais e sintagmáticas, e o mecanismo da metáfora à analogia, envolvida em mudanças paradigmáticas. Semelhantemente à metáfora e à metonímia, a reanálise e a analogia, mecanismos de natureza estrutural, podem ser vistas como processos complementares. Con-

forme Harris e Campbell (1995), a reanálise modifica a estrutura subjacente de uma expressão ou classe de expressões, envolvendo reorganização e mudança de regras lineares, sintagmáticas, freqüentemente locais, do que resulta a alteração da relação entre constituintes, a mudança da estrutura hierárquica e dos rótulos categoriais. Tais transformações não são diretamente observáveis, pois não levam a nenhuma modificação imediata ou intrínseca na manifestação de superfície da expressão reanalisada.

A analogia refere-se à atração de formas existentes a construções já existentes, envolvendo a organização paradigmática, com mudança nas colocações de superfície e nos padrões de uso. Tal mecanismo faz com que as mudanças não observáveis da reanálise se tornem observáveis. Um exemplo é o desenvolvimento de *be going to* de sintagma direcional a futuro. Temos, no estágio inicial, o progressivo com o verbo direcional e uma oração de finalidade. Depois, temos o auxiliar de futuro com um verbo de atividade, o que é resultado da reanálise. O terceiro estágio é o da extensão, através da analogia, pela qual todos os tipos de verbo, inclusive os estativos, passam a ser empregados na construção *be going to*. Neste estágio é que se percebe que houve uma mudança na língua.

***Ái* especificador de SNs indefinidos**

***Ái* como marca de especificidade**

Enç (1991, p. 8) afirma que um SN indefinido, caracterizado por ela como não possuindo antecedentes no discurso, pode ser específico ou não específico. Será não específico se não estiver relacionado a referentes anteriores. Em contraste, será específico se estiver relacionado a referentes previamente estabelecidos no discurso, recebendo interpretação partitiva. Segundo Enç (1991, p. 2), adjetivos como *certain* constituem uma exceção a essa proposta, já que atuam sempre como especificadores, embora não exijam interpretação partitiva.

No português, SNs indefinidos contendo *ai* podem estar em relação de partitividade com referentes discursivos anteriores ou não, assemelhando-se a SNs com *certain* no inglês. Lembrando que há a possibilidade de três leituras para um mesmo *ai* (duas dêiticas e uma especificadora), considero, nesta seção,

para cada sentença, apenas a leitura especificadora. Os usos dêiticos do *aí* serão retomados na seção 3. Vejam-se:

- (2) a. Diversos professores saíram apressados da sala. *Um pro- fessor Aí* derrubou um vaso.
b. Diversos professores saíram apressados da sala. *Um professor* derrubou um vaso.
- (3) a. A Cátia deve vencer *uma atleta Aí* se quiser ser a primeira do *ranking*.
b. A Cátia deve vencer *uma atleta* se quiser ser a primeira do *ranking*.

Em (2a), o SN indefinido provido de *aí* refere-se a um professor que faz parte do conjunto dos professores que saíram da sala. Ou seja, há relação de partitividade implícita com um antecedente presente no contexto discursivo e a interpretação é a de que se trata de um professor específico, parte de um conjunto dado anteriormente. Em (2b), o SN também é específico, pois apresenta leitura partitiva independentemente da presença de um adjetivo especificador. Soaria estranho dizer (2b) se o professor que derrubou o vaso não fosse um dos que entraram na sala.

Diferentemente, em (3a), o SN indefinido traz a primeira menção à atleta, e, portanto, embora específico, não mantém relação com referentes discursivos lexicalmente explícitos no discurso anterior. A interpretação da sentença (3a) é de que Cátia deve vencer uma atleta específica. Já a sentença (3b), em que temos um SN indefinido sem adjetivo de especificidade, nada informa acerca da especificidade da atleta, sendo possível a interpretação de que se Cátia vencer qualquer atleta, será a primeira do *ranking*. O SN indefinido da sentença (3b) não está marcado positivamente para a especificidade, uma vez que não está em relação de partitividade nem é modificado por um item de especificidade, o que não significa necessariamente que se trata de qualquer atleta, mas sim que nada é informado pelo falante acerca da especificidade do SN indefinido. Ou seja, não sabemos, tendo por base apenas a sentença (3b) se a atleta é específica – se já é conhecido de quem se trata ou ao menos se já se tem alguma informação sobre a atleta em questão. Nas sentenças com *aí*, a especificidade está marcada no SN – informa-se que a menina e a atleta em questão são específicas.

Uma propriedade do *aí* que ilustra seu caráter de item de especificidade é o fato de barrar a leitura genérica de sentenças:

- (4) a. *Um coelho* come cenoura.
b. *Um coelho Aí* come cenoura.

(4a) pode ter leitura genérica, isto é, *para todo x, x um coelho, x (caracteristicamente) come cenoura*. Pode também ter leitura específica, isto é, *há um x, x um coelho, tal que x come cenoura*, o que ocorre, por exemplo, em *Tenho dois coelhos. Um coelho come cenoura, o outro come ração*, caso em que o SN *um coelho* tem leitura partitiva implícita: um dos meus coelhos come cenoura. Já (4b) só permite leitura específica, consequência do traço [+específico] de *al*.

Um as implicaturas conversacionais *al*

O uso do *al* não apenas marca a especificidade de um SN indefinido, mas põe em jogo determinadas implicaturas conversacionais (cf. Grice, 1975; Levinson, 1983). Veja-se a sentença a seguir:

- (5) A Rafaela falou com *um professor Al* para obter autorização para chegar mais tarde.

Em (5), pode estar em jogo a implicatura de que o falante conhece a identidade do professor, mas por algum motivo referiu-se a ele através de um SN indefinido e não nominalmente. Contudo, o falante pode não saber exatamente qual é o professor, sabendo apenas que se trata, por exemplo, de um dos professores que estavam na escola naquele dia, ou de um dos professores do curso, isto é, um professor de um conjunto que o falante tem em mente. Nesse caso, temos implicaturas referentes não ao conhecimento da identidade do nome indefinido, mas do conhecimento de uma ou mais das propriedades desse referente (na sentença em análise, ser um dos professores do curso, por exemplo). Independentemente de qual dessas duas implicaturas referentes à identidade do SN indefinido específico estejam presentes, tal SN está sempre em relação partitiva implícita com um conjunto implícito, que está na mente do falante (cf. (5) – um dos professores de um conjunto que está na mente do falante, por exemplo, um dos professores do conjunto de professores do curso).

Se o falante sabe mais do que disse, por que não revelou? Implicaturas referentes ao motivo de o falante não esclarecer mais acerca da pessoa ou coisa a que se refere também estão em jogo no emprego do *al* especificador. O falante, ao utilizar o *al* especificador, geralmente implica que é pouco importante para o ouvinte saber mais sobre o referente do SN ou que ele (falante) não quer dizer

mais. Observe-se o seguinte exemplo, extraído da fala de um personagem de novela televisiva:

- (6) Vou sair. Vou aproveitar para resolver *um assunto* *Aí*. Mais tarde eu volto.³

Fatos acontecidos antes permitem ao espectador saber que o falante tinha a intenção de não revelar nada acerca do que ia fazer para o ouvinte. Creio que essa intenção motiva o emprego do *aí* no SN indefinido, sinalizando uma leitura de que se trata de um assunto que não interessa ao ouvinte ou que não é de grande importância. Como o falante não deseja fornecer maiores detalhes acerca daquilo a que se refere, tenta implicar que se trata de algo que não merece maior atenção ou preocupação por parte do interlocutor.

Talvez o fato de o *aí* tender a referir-se a algo específico, cuja identidade não vem ao caso, favoreça a leitura de SNs indefinidos com tal item como trazendo uma valoração negativa. Por exemplo:

- (7) A minha irmã contratou *um arquiteto* *Aí* para projetar a casa e só teve dor de cabeça.

(7) pode ter somada à leitura de que se trata de um arquiteto específico a de que se trata de um arquiteto *qualquer*. Tomamos aqui *qualquer* não no sentido de qualquer arquiteto do mundo (neste caso, o SN seria não específico),⁴ mas um arquiteto específico que é incompetente, de baixa qualidade, isto é, em (7), a irmã contratou “um qualquer”, um ruim, ao invés de contratar um bom arquiteto.

O percurso de gramaticalização rumo ao *aí* especificador

Ao analisar a sentença (1) acima, aponte a possibilidade de ocorrência de ambigüidade entre os empregos do *aí* como dêitico locativo 1, dêitico locativo 2 e especificador de SN indefinido, o que é um indício da gramaticalização. Esse processo de mudança lingüística é caracterizado pela gradualidade na passa-

3 Dado extraído da novela *Andando nas nuvens*.

4 Observe-se a diferença entre “*Qualquer homem* gosta de prostituta” versus “*Um homem qualquer* gosta de prostituta”. No primeiro caso, *qualquer* quantifica *homem*, no segundo, *qualquer* modifica *homem*.

gem de um estágio a outro, resultando não raro em sobreposição de significados e, conseqüentemente, ambigüidade entre enunciados.

Dentre as possibilidades de interpretação da sentença (1), a dêitica 1 é a mais “concreta”, uma vez que envolve um apontamento para um local externo à fala, próximo ao ouvinte (*nesse lugar*). No decorrer do percurso rumo à modificação de SN, o *aí* passa a apontar para as redondezas, dando origem ao dêitico 2. Assim, temos a leitura de *um menino aí* em (1) como um menino que está nas redondezas ou um menino dentre os que estão nas redondezas (um desses meninos que estão por aí). Por fim, o *aí* adquire a propriedade de indicar que o elemento ao qual modifica – um nome indefinido – é específico. Este *aí* é o mais abstrato dos usos aqui considerados, pois é o que mais distancia-se do “mundo real”, não apontando para um lugar, mas modificando um nome.

O *aí* dêitico 2 possui características que permitem considerá-lo como oriundo do dêitico 1 e constituindo a fonte do especificador. O dêitico 2 mantém a propriedade de apontar para um espaço externo ao discurso, presente no dêitico 1, mas passa a apontar também para um indivíduo, indicando ser este um ser que se encontra em lugar próximo ou um dentre outros que se encontram em um lugar próximo. Já que se trata de um indivíduo que está sendo apontado ao mesmo tempo em que é situado espacialmente, embora indefinido, é específico. Parece ser possível, então, que o dêitico 2 forneça o traço de especificidade como implicatura.

O *aí* especificador especifica um SN indefinido ou por partitividade, quando o SN está ligado a um conjunto explícito ou implícito, ou por individuação, quando o falante sabe a identidade do referente do SN.⁵ Ambas as possibilidades podem ser percebidas já no emprego do *aí* dêitico 2 como implicaturas. Quando está em jogo a leitura de “um desses x que estão aí”, em que um indivíduo de um determinado conjunto está sendo apontado (juntamente com o local e com o próprio conjunto), temos a especificidade por partitividade: o ser que está sendo apontado é um dentre outros que estão no mesmo local. Quando está em jogo a leitura de “um menino que está nas redondezas”, temos a

5 O contexto discursivo pode servir de pista para precisarmos qual das leituras – individuação ou não individuação – estão presentes. Em contextos como *Eu queria alugar uma casa Aí, mas não encontrei nenhuma para alugar*, temos uma leitura não individualizadora (isto é, o falante queria alugar uma casa do conjunto de casas que possuem janelas amarelas ou das que possuem três quartos, enfim uma casa dentre outras de um determinado conjunto que não está explícito). Se o falante estivesse se referindo a um indivíduo de identidade conhecida, individualizada, não poderia usar a sentença acima, mas uma sentença como a seguinte: *Eu queria alugar uma casa Aí, mas ela não está para alugar*.

especificidade por individuação: um indivíduo está sendo apontado (juntamente com o local em que se encontra). Posteriormente, o *aí* dêitico 2 deixa de situar um ser indefinido em um lugar e passa a marcar um nome indefinido como específico, por partitividade ou por individuação, tornando-se um especificador. Essa compatibilidade entre as propriedades do dêitico 2 e do especificador possivelmente facilita e impulsiona fortemente a mudança.

Ressalvo, porém, a dificuldade em precisar o que é significado e o que é implicatura, tanto no uso do *aí* como dêitico 2 quanto como especificador de SN, até mesmo porque a passagem de um uso a outro é gradual, assim também devendo ser as relações entre implicaturas e significados. Além disso, não é somente o *aí* que sofre mudanças até se tornar um especificador, mas também o nome indefinido, sempre envolvido nessa trajetória (a presença do nome indefinido será também discutida em 3.3). Na verdade, é difícil distinguir, na interpretação de uma sentença envolvendo o dêitico 2, o que acrescenta o nome e o que acrescenta o *aí*. Por exemplo, em “Um menino (desses que estão) *Aí* me deu a bola para eu tomar conta.”, temos um lugar sendo apontando, um SN indefinido e, pela relação que se faz entre esse lugar e o SN indefinido, temos a implicatura de que o SN é específico por fazer referência a um indivíduo que é parte de um conjunto. Por exemplo, em “Um menino (desses que estão) *Aí* me deu a bola para eu tomar conta.”, temos um lugar e um menino sendo apontados, e, pela relação que se faz entre esse lugar e o menino, temos a implicatura de que o SN é específico por fazer referência a um indivíduo que é situado espacialmente. A propriedade de ser indefinido é do nome, a de apontar para um lugar e para um menino é obtida pela junção do nome com o *aí*, mas a leitura de haver um menino indefinido específico situado em dado lugar é extraída da totalidade da construção “um menino *aí*” (e do próprio contexto, em que o ouvinte pode perceber o falante apontando para um lugar e para um menino).

Metáfora e metonímia: evidências semântico-pragmáticas

O processo de gramaticalização do *aí* parece ser metonímico, pois ocorre gradualmente por meio de mudanças por contigüidade, a partir de significados presentes em fonte e alvo. O *aí* vai deixando de apontar para um lugar (“nesse lugar” pontual > um *x* que está nas redondezas/um *x* dentre os que estão nas redondezas > um *x* específico), ao mesmo tempo em que passa a relacionar-se cada vez mais ao indivíduo apontado até relacionar-se unicamente ao nome modificado. Certos significados e implicaturas presentes no contexto vão sendo

postos em relevância a despeito de outros e vão se tornando centrais, inclusive substituindo significados outrora mais destacados, como o apontamento para um lugar, substituído pouco a pouco pela indicação de especificidade. Assim, de uma implicatura de especificidade presente nos contextos em que é usado o dêitico 2 surge um significado de especificidade: o *al* especificador marca a especificidade de um SN indefinido.

No entanto, ao lado das alterações sofridas por *al*, ocorre a preservação de significados originais. Ou seja, traços presentes no dêitico 1 também podem ser percebidas no especificador, embora bastante abstraídos. Por exemplo, a propriedade de indicar especificidade parece estar presente nos três empregos do *al* considerados aqui. Ocorre um deslocamento do apontamento para um lugar específico, pontual, feito pelo dêitico 1 para o apontamento para um indivíduo indefinido, porém específico por estar situado num lugar, o que é feito pelo dêitico 2, e, por fim, um deslocamento para a indicação de especificidade de um indivíduo, propriedade definidora do especificador.⁶

A metáfora também atua no percurso de mudança sob estudo, envolvendo a projeção de um domínio mais concreto sobre um menos concreto. A passagem do dêitico 1 ao dêitico 2 parece não envolver mudança dessa natureza, uma vez que o domínio da fonte e do alvo é o mesmo: o apontamento dêitico, embora haja a ampliação do espaço apontado e a introdução do apontamento para um indivíduo. Já a passagem do *al* para a especificação de nome indefinido envolve a mudança de domínio “espaço > qualidade”, isto é, da função de indicação espacial dêitica à função de especificação, que podemos considerar uma função de qualificação. A indicação espacial dêitica é mais concreta, mais próxima da experiência humana do que a especificação, considerando-se a escala de derivação de itens lexicais a itens gramaticais proposta por Heine et al. (1991a, p. 48), em que a qualidade é a última etapa do processo, portanto, a mais abstrata.⁷

6 É possível que mesmo a propriedade de apontamento seja pertinente ao especificador, de modo bastante abstrato, apontando o *al* para um conjunto implícito que o falante tem em mente. Ver exemplo (5).

7 Podemos pensar, porém, em uma passagem metafórica envolvendo o SN indefinido que, de independente do locativo quando este é dêitico 1, passa a relacionar-se mais fortemente a ele no uso dêitico 2 tanto semântica quanto sintaticamente (cf., neste artigo, o tópico “Reanálise”). Este seria um caso de localização/espacialização da pessoa ou do objeto, nos moldes propostos por Giannini (1998) para o uso vinculado de pronomes pessoais e dêiticos locativos em certos dialetos italianos. As informações sobre quem ou o quê seriam associadas a informações sobre onde em uma mesma construção dêitica, seguindo a escala de Heine (1991a) pessoa/objeto > espaço, com a união de duas categorias em uma só unidade lingüística. Tal proposta necessita de maiores averiguações.

Outro indício da atuação da metáfora no processo em estudo é o fato de o *aí*, como dêitico 2, apontar não somente para o espaço mas também para um indivíduo e, como especificador de SN, especificar um nome. Essa parece ser uma passagem de uma “qualificação” externa ao discurso, localizando um indivíduo no espaço circundante, para uma qualificação interna ao discurso. Como dêitico 2, *aí* relaciona-se a um ser que está no mundo, apontando-o, e, como especificador, relaciona-se a um nome, a um item do discurso, fornecendo-lhe o traço (+específico). Ocorre, portanto, uma mudança do domínio *de re* (mundo real) para o domínio *de dicto* (mundo do texto), um importante percurso de mudança metafórica, segundo Heine et al. (1991a, p. 179): “Uma das principais metáforas que atua no desenvolvimento de categorias gramaticais refere-se à transferência do mundo da experiência sensório-motora, dos objetos visíveis e tangíveis, de relações espaço-temporais para o mundo do discurso.”

As implicaturas ligadas ao *aí* especificador

As implicaturas possíveis de estarem envolvidas no uso do *aí* como especificador (cf. seção 2.2) são percebidas, talvez de modo menos claro, já no uso do *aí* como dêitico 2, embora não no dêitico 1. O falante, ao apontar para um ser indefinido e para o espaço em que este se encontra, não fornece muitos esclarecimentos a respeito de tal ser. Conseqüentemente, podem já estar em jogo implicaturas como as de que é pouco importante ou mesmo de que não interessa para o ouvinte saber mais sobre o referente do SN indefinido. As implicaturas ligadas ao conhecimento da identidade do referente do SN indefinido também parecem passíveis de ser manifestadas quando do uso do *aí* dêitico 2: o ser apontado ou propriedades de tal ser podem ser do conhecimento do falante. Acredito, então, que implicaturas ligadas ao contexto de uso de um item podem ser mantidas quando esse item passa a ser utilizado em outra função.

Em contraste, a implicatura de ser o referente do SN indefinido algo ruim, de pouca qualidade ou incompetente parece ocorrer apenas com o uso do *aí* como especificador, como uma implicatura que se acrescentou a esse uso. Muitos dos falantes com os quais testamos as sentenças que ilustram este trabalho consideram a idéia de “qualquer”, de insignificância, de baixa qualidade, bastante ligada ao emprego do *aí* especificador. Creio que, tendo sido o *aí* especificador tão usado em contextos que disparavam tal implicatura, ela possa já estar se convencionalizando, isto é, começando a fazer parte do que o *aí* traz ao SN indefinido em termos de significado, além da especificidade em si. Teríamos

então casos de emprego do especificador em que essa implicatura não é manifestada tão fortemente ou mesmo não está presente, ao lado de casos em que o *af* especificador pode ser entendido como já significando “qualquer”, ruim, incompetente.

Reanálise e analogia: evidências semântico-sintáticas

Reanálise

Como o *af* dêítico 2 segue um SN, não deve derivar de usos do *af* dêítico 1 seguindo verbos (como em (8), por exemplo), mas sim de usos desse *af* seguindo SNs, como em (9) ou (10). Como vimos anteriormente, uma sentença em que o *af* segue um SN indefinido pode ser ambígua entre o dêítico 1, o dêítico 2 e o especificador de SN (cf. (12)). Uma sentença em que o *af* segue um SN definido pode ser ambígua entre o dêítico 1 e o 2, mas não permite leitura especificadora (cf. (11)), o que é um indício de que o *af* especificador, que fornece um traço de especificidade para um SN indefinido, deriva do uso do *af* dêítico 2 seguindo um SN indefinido.

- (8) Eu cheguei em casa, eles estavam sentados no muro, né? num muro alto. Eu disse: “Meu filho, [não] não senta *Af* que tu não estás com equilíbrio bom.” (Varsul, FLP 13, L 831)
- (9) Eu falei com o menino (exatamente) *Af*.
- (10) Eu falei com um menino (exatamente) *Af*.
- (11) Eu falei com o *menino Af* e ele disse que tu não vinhas.
- (12) Eu falei com *um menino Af* e ele disse que tu não vinhas.

Podemos ser ainda mais detalhistas no mapeamento da fonte do *af* especificador: provavelmente trata-se de um *af* dêítico 1 seguindo um SN indefinido posicionado depois do verbo (geralmente esse SN é objeto direto ou indireto), mas não um *af* dêítico 1 seguindo um SN indefinido anteposto ao verbo, isto é, um SN sujeito. Vejam-se:

- (13) Eu falei com *um menino Af*.
- (14) *Um menino Af* comeu maçã.

Quando o SN indefinido seguido pelo *aí* está após o verbo, podemos ter o dêitico 1, o dêitico 2 e o especificador (cf. (13)). Quando o SN é sujeito, podemos ter o dêitico 2 e o especificador, mas não o dêitico 1 (cf. (14)): a sentença “Um menino nesse lugar comeu uma maçã” parece não ser possível na língua. Esse é mais um indício de que o *aí* especificador provém do *aí* dêitico 2 (ambos podem se situar junto ao sujeito e aos objetos). Este, por sua vez, deve ter sua origem no *aí* dêitico 1 seguindo um SN indefinido objeto, já que não parece possível que o dêitico 1 siga um SN sujeito. Ao passar a desempenhar o papel de dêitico 2, relacionado não mais apenas a um lugar, mas também a um indivíduo, o *aí* torna-se bastante ligado ao nome que refere tal indivíduo na fala, seja ele sujeito ou objeto, podendo, portanto, posicionar-se antes ou depois do verbo.

Tal fato poderia deixar a impressão de que *aí* dêitico 1 é mais restrito quanto a possíveis posições que *aí* dêitico 2 e *aí* especificador, o que contrariaria uma das conclusões de Heine e Reh (1984, apud Heine et al., 1991a, p. 15): quanto mais gramaticalizada uma unidade lingüística, mais sua variabilidade sintática decresce, isto é, sua posição na frase se torna mais fixa. No entanto, o dêitico 2 e o especificador não são menos fixos que sua fonte, o dêitico 1. Como podemos observar a seguir, parece impossível empregar o dêitico 1 após o sujeito (em (15)), mas ele pode vir junto à margem esquerda da sentença, junto à margem direita da sentença (neste caso, depois de um SV ou de um SN), em estruturas clivadas ou entre verbo e SN objeto. Já o dêitico 2 e o especificador podem ocupar somente uma posição: depois do SN, independentemente de este ser sujeito ou objeto. Se movermos apenas o *aí*, deixando o SN na posição original, poderemos ter o dêitico 1 ou uma estrutura inexistente na língua, mas não um *aí* dêitico 2 nem um *aí* especificador.

[a] Dêitico 1:

- (15) Um menino *Aí* (nesse lugar) comeu maçã – após o SN sujeito.
- (16) *Aí* (nesse lugar) eu falei com um menino – margem esquerda da sentença.
- (17) A Letícia sentou *Aí* (nesse lugar) – margem direita da sentença, após o SV.
- (18) Eu falei com um menino *Aí* (nesse lugar) – margem direita da sentença, após o SN objeto.
- (19) Foi *Aí* (nesse lugar) que eu falei com um menino – estrutura clivada, ressaltando a independência do *aí*.
- (20) *Aí* (nesse lugar) é que eu falei com um menino – estrutura clivada, ressaltando a independência do *aí*.

- (21) Eu falei *Af* (nesse lugar) com um menino – entre verbo e SN objeto.
- (22) Eu preparo *Af* (nesse lugar) o feijão – entre verbo e SN objeto.

[b] Dêitico 2:

- (23) Eu falei com *um menino* (desses) *Af* – após o SN objeto.
- (24) *Um menino* (desses) *Af* comeu maçã – após o SN sujeito.
- (25) Foi com *um menino* (desses) *Af* que eu falei – estrutura clivada, ressaltando a dependência do *af* em relação ao SN [c] especificador.
- (26) Eu falei com *um menino Af* – após o SN objeto.
- (27) *Um menino Af* comeu maçã – após o SN sujeito.
- (28) Foi com *um menino Af* que eu falei – estrutura clivada, ressaltando a dependência do *af* em relação ao SN.

Há a exigência de o *af* especificador ficar adjacente ao núcleo do SN indefinido, como em (29). Parece ser possível também o uso desse *af* posposto a um adjetivo (como em (31)). A existência de outro nome entre o nome modificado e o *af* é vetada, pois este item especifica o nome mais próximo. Assim, não podemos entender *af*, em (30) e (33), como modificando *um casaco*. Nesses exemplos, talvez possa haver a leitura de *af* como modificando *cinco botões* e *bastante tempo*:

- (29) Eu comprei *um casaco Af* com cinco botões.
- (30) Eu comprei um casaco *com cinco botões Af*.
- (31) Eu comprei *um casaco azul Af*.
- (32) Eu comprei *um casaco Af* que eu desejava há bastante tempo.
- (33) Eu comprei um casaco que eu desejava há *bastante tempo Af*.

O fato de o especificador aparecer apenas adjacente ao nome é indício de que integra o SN. Além disso, como vimos acima, se alterarmos a posição do SN indefinido objeto, por exemplo, antepondo-o ao verbo, o *af* continua ocupando sua posição adjacente ao nome, movendo-se junto com este. O mesmo ocorre com o dêitico 2, um indício de que o processo de “entrada” no SN já se manifesta nesse emprego do *af*. Uma diferença entre o dêitico 2 e o especificador é que aquele permite a inserção de um sintagma partitivo e/ou uma oração relativa

entre si e o nome, como em *um menino (desses) (que estão) aí* ou *um menino (que está por) aí*. Diferentemente, o especificador é mais fortemente ligado ao nome, vindo imediatamente adjacente a ele. Contrastando com o dêitico 2 e o especificador, o dêitico 1 pode ter sua posição alterada sem necessitar do acompanhamento do SN, o que mostra sua independência em relação a este. Ou seja, o dêitico 2 e o especificador não podem ocupar a mesma variedade de posições possíveis para o dêitico 1, pois ligam-se a um SN, sofrendo restrições típicas de um qualificador de nome: apenas aparecem junto ao SN.

As observações quanto às posições ocupadas pelo *aí* em cada um dos empregos sob estudo mostram que houve a atuação da reanálise, com alterações na estrutura subjacente à medida que o item avançava em seu processo de gramaticalização. Embora a forma superficial possa ser a mesma, como em (34) a seguir, cada uma das leituras possíveis – dêitica 1, dêitica 2 e especificadora – possui uma estrutura subjacente diferenciada, como consequência da gradual entrada do *aí* no SN. Como dêitico 1, ele não faz parte do SN e indica apenas um lugar próximo ao ouvinte. Os contextos em que segue o SN indefinido, como em (18) acima, permitiram a reanálise da estrutura, tornando-se o *aí* mais ligado ao nome, como dêitico 2 (em (23) acima).

(34) Eu falei com *um menino Aí*.

O uso do *aí* como dêitico relacionado a um nome para cujo referente aponta permitiu nova reanálise rumo a uma maior proximidade com o nome: o *aí* torna-se imediatamente adjacente a este e passa a fornecer-lhe um traço de especificidade (cf. (26) acima). Ou seja, quanto maior o relacionamento do *aí* com o nome no plano do significado, maior a proximidade com o nome na estrutura sintática, alterando-se a relação entre constituintes (fora do SN como dêitico locativo 1 > dentro do SN como dêitico locativo 2 e especificador) e a estrutura hierárquica (independência do nome > dependência do nome). Em consequência, os rótulos categoriais também sofreram modificações: o *aí* dêitico 1 parece ser puramente um dêitico, o dêitico 2 parece um misto entre dêitico e especificador, e o especificador pode ser enquadrado entre os qualificadores ou mesmo pode ser considerado uma marca morfológica de especificidade, isto é, uma marca gramatical indicando tratar-se o SN um SN indefinido específico.

Proponho, portanto, o seguinte percurso de reanálise:

[SN] *aí* (em 35) > [SN / *aí*] (em 36) > [SN *aí*] (em 37)

- (35) Eu falei com [um menino] [AÍ] (nesse lugar).
- (36) Eu falei com [um menino (desses que estão) AÍ].
- (37) Eu falei com [um menino AÍ].

Analógia

Vejam-se:

- (38) Eu falei com *um menino AÍ*.
- (39) Eu chutei *uma pedra AÍ*.
- (40) “Eu passei por *uns problemas AÍ*, mas agora está tudo bem.” (novela *Laços de Família*)
- (41) Eu tive *um sonho AÍ*.

Nas sentenças acima, o *af* pode ser entendido como dêitico 1, apontado para um lugar presente no contexto de fala: o lugar no qual falei com um menino, no qual chutei uma pedra, no qual passei por uns problemas, no qual tive um sonho. Esse *af* pode ser entendido também como especificador, referindo-se o falante a um menino, a uma pedra, a uns problemas e a um sonho específicos. Em (38) e (39), o *af* pode ser entendido ainda como dêitico 2, havendo a interpretação de que se trata de *um menino/uma pedra que está nas redondezas* ou *um menino/uma pedra dentre os que estão nas redondezas*.⁸ Neste caso, lugar e indivíduo são apontados simultaneamente. Em contraste, (40) e (41) não permitem a leitura do *af* como dêitico 2, pois não é possível situar espacialmente problemas e sonhos e, portanto, não é possível apontar deiticamente para eles. Ou seja, há uma restrição quanto ao uso do *af* dêitico 2: ele pode ser usado junto a SNs com traços [+humano] ou [+concreto], mas não junto a SNs com traço [-concreto], pois estes últimos não podem ter seu referente apontado juntamente com o local em que este se encontra – o referente não é passível de ser encontrado em um local.

O fato de o dêitico 1 e o especificador seguirem SNs com os traços [+humano] ou [+concreto], bem como SNs com o traço [-concreto], e de o dêitico

⁸ Vale mencionar que o lugar apontado pelo *af* dêitico 2 pode ser mais específico que “as redondezas”, podendo estar em jogo, por exemplo, *um menino AÍ (da escola)* ou *um menino (desses que estão) AÍ (na escola)*, caso em que, diferentemente do que ocorre com o uso do *af* com dêitico 1, não apenas uma escola situada nas proximidades dos falantes estaria sendo apontada, mas também o menino ou o conjunto de meninos ligados à escola.

2 apenas vir posposto a SNs com traços [+humano] e [+concreto] poderia ir contra a proposta de ser o dêitico 2 um uso derivado do dêitico 1 e fonte do especificador, já que estes últimos não possuem uma restrição que aquele possui. No entanto, a não restrição do uso do *aí* junto a um SN [-concreto] não se deve à mesma motivação em seus empregos como dêitico 1 e como especificador. O dêitico 1 situa espacialmente não apenas o ser referido no SN, mas tudo o que é dito na sentença. Por exemplo, considerando-se apenas a leitura dêitica 1, em (38), o que é apontado é o lugar no qual falei com um menino, e não um menino, e, em (40), o que está sendo apontado é o lugar no qual o falante passou por problemas, e não os problemas. Como o dêitico 1 não está relacionado apenas ao SN indefinido, não sofre restrições quanto a propriedades do nome e pode aparecer após qualquer tipo de SN.

O dêitico 2 é mais ligado ao SN, pois situa espacialmente o ser referido no SN, apontando ao mesmo tempo para ele e para o local em que ele se encontra. Assim, surge a restrição quanto ao uso do *aí* com seres [-concretos], pois estes não podem ser situados espacialmente. Por sua vez, o especificador é, de todos, o uso mais ligado ao SN, fornecendo a este um traço [+específico]. Entretanto, por modificar o nome indefinido sem implicar localização espacial, não sofre restrições quanto ao traço [-concreto] do nome, vindo junto a qualquer tipo de SN.

Como estamos lidando com um processo de natureza gradual, temos por hipótese que o especificador inicialmente apresentava restrições quanto ao uso junto a SNs [-concretos], assim como sua fonte, o dêitico 2. Posteriormente, tal restrição deve ter sido perdida, passando o especificador a poder vir junto a um SN [-concreto], uma vez que não situa um ser no espaço, mas sim fornece-lhe um traço de especificidade. Essa extensão de um tipo de SN para outro – da modificação de SN [+humano] ou [+concreto] para a modificação de SN [-concreto] – é indício da atuação da analogia, mecanismo responsável pela atração de formas existentes, no caso, diversos tipos de SNs, a construções já existentes, no caso, a estrutura de especificidade com o *aí* (SN indefinido + *aí*), advinda do processo de reanálise sofrido pelo dêitico 2. A analogia torna visível a atuação da reanálise, ampliando os contextos de uso do especificador ao estender seu uso a tipos variados de SNs, e, dessa forma, contribuindo para diferenciá-lo do dêitico 2.

Considerações finais

Finalizo deixando algumas sugestões de continuidade para este trabalho. Há bastante ainda a ser investigado a respeito do *af* especificador e daquilo que está envolvido em seu percurso de mudança. Depois de traçada uma trajetória de mudança a partir de dados sincrônicos como a proposta aqui, é importante testá-la por meio de dados diacrônicos. Uma análise envolvendo dados de diferentes épocas proporcionará resultados e conclusões mais refinados e confiáveis acerca do percurso de gramaticalização rumo à especificação de SNs indefinidos percorrido pelo *af*. Se tanto os indícios sincrônicos quanto os diacrônicos apontarem para as mesmas ou semelhantes etapas de gramaticalização, teremos evidências mais substanciais acerca dos estágios das mudanças pelas quais vêm passando essa unidade ao longo do tempo. Como bem salientam Tabor e Traugott (1998, p. 264), a evidência histórica é a principal fonte para a testagem de hipóteses acerca de percursos de gramaticalização.

Ainda não realizei uma investigação diacrônica sistemática para a testagem do percurso do *af* em direção à especificação de SNs indefinidos que propus aqui, mas posso mencionar um achado interessante nesse sentido. Encontrei alguns dados do *af* especificador na tradução de 1940 do romance de John Steinbeck, “*Vinhas da ira*”, em que se procurou refletir o dialeto das camadas populares do Rio Grande do Sul da época. Todos esses dados são casos de SNs indefinidos [+humanos], o que pode querer dizer que o especificador ainda não era empregado com SNs [-concretos] na época. Tal achado é um estímulo para o aprofundamento da investigação acerca da ordem de emergência na língua de cada um dos *af* investigados aqui.⁹

Um outro ponto que necessita de maior averiguação é a natureza dos mecanismos de mudança e suas inter-relações. Optei por definir a metáfora e a metonímia como mecanismos semântico-pragmáticos, pois elas implicam mudança e abstração crescente de significados e/ou convencionalização de implicaturas conversacionais, envolvendo alterações semânticas e pragmáticas a cada novo emprego do *af*. Já a reanálise parece ser de natureza sintático-semântica pois, quanto maior a proximidade com o nome na estrutura sintática, alterando-se a relação entre constituintes e a estrutura hierárquica, maior o relacionamento do *af* com o nome no plano do significado. A analogia também aparenta ser um mecanismo sintático-semântico, pois a extensão de uso do *af*

9 Um exemplo: “Tou num comitê. A gente ‘tá preparando um brinquedinho pra *uns caras af*.” STEIBECK, J. *As vinhas da ira*. Tradução de: Ernesto Vinhaes e Herbert Caro. Porto Alegre: Globo, 1940. p. 361.

especificador para contextos estruturais mais variados envolve traços semânticos relacionados a tais contextos (SNs indefinidos [+concretos], [+abstratos] etc). Ou seja, creio ser impossível dissociar as propriedades sintáticas das semânticas no caso em estudo, assim como é impossível dissociar as propriedades semânticas das pragmáticas (por exemplo, muitas vezes significados e implicaturas confundem-se).

Outra questão a ser aprofundada refere-se aos rótulos categoriais. O papel de dêiticos e qualificadores em uma teoria de gramaticalização não é pacífico. Se considerarmos dêiticos locativos como advérbios (por indicarem espaço) e especificadores como adjetivos (por qualificarem um nome, adicionando a ele o traço [+específico]), estamos lidando com duas categorias intermediárias entre o léxico e a gramática (cf. Hopper e Traugott, 1993, p. 104).¹⁰ Se ambas são categorias medianas, teria havido gramaticalização, isto é, uma passagem de um nível menos gramatical para um mais gramatical? Acredito que o uso especificador do *aí* é mais gramatical que seus usos dêiticos, por ser o especificador mais fixo quanto a posições e por não permitir material interveniente entre si e o nome modificado, o que é evidência de que é mais dependente sintaticamente que os usos dêiticos, relacionando-se fortemente ao nome por ele especificado. Parece inclusive ser uma marca morfológica de especificidade. Creio, então, que o processo de mudança em jogo aqui é mesmo a gramaticalização.¹¹

Seria interessante também averiguar a possibilidade de emprego de outros itens de origem dêitica como especificadores, caso do *lá* e do *ali* em “Um cara *lá/ali* me disse que tu não vinhas.” Estariam esse *lá* e esse *ali* apontando para um lugar (com valor de “naquele lugar”), situando o referente do SN indefinido em um lugar (algo como “um cara que está *lá/ali* ou estava *lá/ali*”) ou atuando como especificador de SN indefinido? Se o *lá* e o *ali* forem especificadores de SN, quais as semelhanças e diferenças entre eles e o *aí* especificador? Estaria um deles mais gramaticalizado na função de especificação de SNs indefinidos que os demais?

10 Hopper e Traugott (1993, p. 104) dividem as palavras em três categorias: “Categoria maior [Nome, Verbo, Pronome] > Categoria mediana [Adjetivo, Advérbio] > Categoria menor [Preposição, Conjunção]”.

11 Na linha de tratar o tipo de *aí* investigado aqui como marca morfológica, Braga (2002) considera este *aí* como um clítico que se liga ao nome. Tratar o *aí* especificador como clítico permite manter o requisito de unidirecionalidade do processo de mudança por gramaticalização: a categoria fonte seria a dêitica e a categoria alvo uma marca morfológica, portanto, haveria um percurso de uma categoria menos gramatical a uma categoria mais gramatical.

RESUMO

Trato aqui de um tipo de *aí* que parece acrescentar um traço de especificidade ao sintagma nominal (SN) indefinido que acompanha, de modo semelhante ao que faz o item lingüístico *certo*. O *aí* especificador de SNs indefinidos é empregado preferencialmente quando o falante pretende implicar que a identidade ou características do que está sendo referido não são relevantes para o ouvinte. Além disso, o *aí* pode mostrar valoração negativa, qualificando o referente do nome indefinido como algo ruim ou de baixa qualidade. Baseada em propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas do *aí*, proponho uma trajetória de gramaticalização provavelmente seguida por ele de empregos dêiticos espaciais até o uso como especificador de SNs indefinidos. Considero especialmente a atuação de quatro mecanismos de mudança lingüística: dois de natureza semântico-pragmática, a metonímia e a metáfora; e dois de natureza semântico-sintática, a reanálise e a analogia.

Palavras-chave: gramaticalização, *aí*, especificação.

ABSTRACT

In this article I deal with a sort of *aí* which seems to add a specificity feature to indefinite noun phrases (NPs), similarly to the linguistic item *certo*. Specifier *aí* is generally chosen when the speaker wants to show that the identity or properties of what is being referred to are not relevant to the hearer. Besides, *aí* can show negative appreciation, qualifying the noun as being something wrong or with low quality. Based in syntactic, semantic and pragmatic properties of *aí*, I propose a trajectory probably followed by it from spatial deictic uses to the specifier of indefinite NPs use. Two semantic-pragmatic and two semantic-syntactic mechanisms of change seem to act over this grammaticalization process: metonymy, metaphor, reanalysis and analogy.

Key-words: grammaticalization, specification, *aí*.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, M. L. *Aí e então e a hipótese de trajetória universal*. Araraquara: UNESP, 2002. (Série Encontros), no prelo.
- BYBEE, J. et al. *The evolution of grammar*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- ENÇ, M. The semantics of specificity. *Linguistic Inquiry*, Massachusetts, v. 22, n. 1, p. 1-25, 1991.

GIANNINI, S. Discourse and pragmatic conditions of grammaticalization. Spatial deixis and locative configurations in the personal pronoun system of some Italian dialectal areas. In: RAMAT, A. G.; HOPPER, P. *The limits of grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1998. p. 129-145.

GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (Ed.). *Syntax and semantics* 3. Speech Acts. New York: Academic Press, 1975.

HARRIS, A. C.; CAMPBELL, L. *Historical syntax in cross-linguistic perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

HEINE, B. et al. *Grammaticalization*. A conceptual framework. Chicago: University of Chicago Press, 1991a.

_____. From cognition to grammar: evidence from African languages. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1991b. v. 1: focus on theoretical and methodological issues, p. 149-188.

HEINE, B.; REH, M. *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LEVINSON, S. C. Conversational implicature. In: _____. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

STEINBECK, J. *As vinhas da ira*. Tradução de: Ernesto Vinhaes e Herbert Caro. Porto Alegre: Globo, 1940.

TABOR, W.; TRAUGOTT, E. Structural scope expansion and grammaticalization. In: RAMAT, A. G.; HOPPER, P. *The limits of grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1998. p. 229-288.

TAVARES, M. A. Um especificador *aí*. *Delta*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 209-235, 2001.

TRAUGOTT, E.; KÖNING, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1991. v. 1: Focus on theoretical and methodological issues.